

## A caracterização de “elite” em produções acadêmicas sobre o ensino secundário (2004-2015)

**Fernando Vendrame Menezes<sup>1</sup>**

*The characterization of “elite” in academic productions on secondary education (2004 -2015)*

*La caracterización de “élite” en las producciones académicas de educación secundaria (2004-2015)*

### Resumo

Este artigo apresenta parte de uma pesquisa cujo objetivo foi investigar a implementação do ensino secundário nas cidades de Belo Horizonte (MG) e Campo Grande (MS), numa perspectiva histórico-comparada. Discutiremos, mais especificamente, como produções acadêmicas (dissertações de mestrado e teses de doutorado) caracterizaram elite em seus textos. Para tanto, tomou-se como objeto de estudo trabalhos elaborados entre 2004 e 2015 em programas de pós-graduação em Educação de duas universidades federais desses estados. Em linhas gerais, argumentamos que esse entendimento foi pouco desenvolvido e problematizado, pois os trabalhos partiram de uma argumentação a priori, já cristalizada pela historiografia, de que o ensino secundário era destinado à formação da “elite”.

**Palavras-chave:** *Ensino secundário; Elite; Produção acadêmica.*

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, professor na Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande (MS). E-mail: prof.fernandovendrame@gmail.com

## Abstract

This paper presents part of a research whose objective was to investigate the implementation of secondary education in the cities of Belo Horizonte (MG) and Campo Grande (MS), in a historical-comparative perspective. We will discuss, more specifically, how academic productions (master's dissertations and doctoral theses) characterized elite in their texts. To do so, we took as object of study works elaborated between 2004 and 2015 in postgraduate programs in Education of two federal universities of these states. In general lines, we argue that this understanding was little developed and problematized, because the works were based on an a priori argumentation, already crystallized by historiography, that secondary education was destined to the formation of the “elite”.

**Keywords:** *Secondary education; Elite; Academic production.*

## Resumen

Este artículo presenta parte de una investigación cuyo objetivo fue investigar la implementación de la educación secundaria en las ciudades de Belo Horizonte (MG) y Campo Grande (MS), en una perspectiva histórico-comparativa. Discutiremos, más específicamente, cómo las producciones académicas (disertaciones de maestría y tesis doctorales) caracterizaron a la élite en sus textos. Para ello, tomamos como objeto de estudio trabajos elaborados entre 2004 y 2015 en programas de posgrado en Educación de dos universidades federales de estos estados. En líneas generales, argumentamos que esta comprensión fue poco desarrollada y problematizada, porque los trabajos se basaron en una argumentación a priori, ya cristalizada por la historiografía, de que la educación secundaria estaba destinada a la formación de la “élite”.

**Palabras clave:** *Educación secundaria; Élite; Producción académica.*

## Introdução

**N**os limites deste texto, partimos da existência de uma produção acadêmica (dissertações e teses) que, adotando diferentes objetos e enfoques metodológicos, analisou distintos aspectos ligados ao processo de instalação, implementação e/ou consolidação do ensino secundário nas cidades de Belo Horizonte (MG) e Campo Grande (MS)<sup>2</sup>.

Para o exame deste escopo, recorreremos a um exercício de comparação, abordando tais produções como objeto de investigação, a fim de analisarmos a produção de uma historiografia, e/ou de um discurso historiográfico, sobre o ensino secundário, compreendido como destinado à formação da elite, com foco em dois lócus específicos: os dois programas de pós-graduação em Educação, onde as teses e dissertações foram defendidas. A produção dessa historiografia é entendida, neste contexto, como práticas figuradas<sup>3</sup> de seus autores.

Indicamos, assim, a existência de uma historiografia já estabelecida sobre o ensino secundário que cristalizou a interpretação de que a expansão e o incremento desse ramo do ensino médio ocorreram de forma mais ou menos homogênea no Brasil, sobretudo entre os anos de 1930 e 1970, apontando que sua função social era preparar as elites dirigentes do país.

Para entendermos como ocorreu a incorporação dessa historiografia consolidada e a produção de um discurso historiográfico, buscamos identificar aqueles autores que foram adotados com maior frequência pelas produções acadêmicas (em forma de citação e/ou referência bibliográfica) ao se referir a esse ramo de ensino. O conjunto dos autores mais citados e referenciados indicou que as teses e dissertações partiram da incorporação de um discurs-

---

2 A pesquisa que originou este texto foi desenvolvida no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS).

3 O que denominamos “práticas figuradas” corresponde ao entrelaçamento, integração e interação dos conceitos de práticas de Michel de Certeau (1998) e de figuração de Norbert Elias (1994), advindos dos campos da história e da sociologia, respectivamente. Esses conceitos são apreendidos, aqui, como recursos teórico-metodológicos condutores da apreensão dos vestígios (GINZBURG, 1989), que conferem certa especificidade à forma como o ensino secundário foi incorporado à produção de uma determinada interpretação, no interior do campo da história da educação brasileira.

so historiográfico já consagrado sobre o ensino secundário, que, em linhas gerais, era descrito como propedêutico e destinado à formação de uma elite dirigente. Nesse discurso, a ênfase das análises recai sobre a abordagem das reformas educativas, principalmente as reformas Francisco Campos (1930) e Gustavo Capanema (1942), sendo suas prescrições normativas e curriculares tomadas como direcionadoras dos rumos do ensino secundário no País e, em específico, nas duas cidades.

Nessa leitura de que o ensino secundário era destinado à elite ou à formação dos filhos da elite, colocamos em discussão como as produções acadêmicas aqui analisadas caracterizaram os sujeitos que tiveram acesso ao ensino secundário nas duas localidades, abordando, principalmente, as seguintes questões: como as produções acadêmicas definiram “elite” em seus textos? Quem eram os grupos sociais e/ou sujeitos que as produções acadêmicas identificavam como elite em Belo Horizonte e em Campo Grande? Como as produções acadêmicas retrataram os grupos sociais que frequentavam as duas instituições de ensino secundário público<sup>4</sup>?

Assim, argumentamos sobre a necessidade de se problematizar esta dupla interpretação, de uma expansão mais ou menos homogênea do ensino secundário no País e de sua função formadora da elite, não no sentido de negá-las sumariamente, mas de expor a importância de se considerar os contextos históricos regionais e locais nesse processo de expansão desse ramo de escolarização. Tais contextos ditaram ritmos diferentes para o incremento do ensino secundário, bem como estabeleceram relações singulares entre os grupos sociais locais e suas demandas por escolarização secundária.

### *Por uma história comparada regional*

A nossa proposição de um estudo comparado em perspectiva regional inseriu-se na identificação da relação entre o processo de desenvolvimento ur-

---

<sup>4</sup> Essas duas instituições escolares são o Ginásio Mineiro e o Ginásio Campograndense (posteriormente denominado de Colégio Estadual Maria Constança de Barros Machado).

bano e os elementos que produziram as diferenças entre as cidades de Belo Horizonte e Campo Grande, no contexto mais amplo de expansão do ensino secundário na sociedade brasileira<sup>5</sup>. Para tanto, as produções acadêmicas, disponibilizadas pelos programas de pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e da Universidade Federal de Minas Gerais, foram analisadas como objetos que permitem identificar os vestígios e as pistas desse processo. No contexto do estudo aqui apresentado, adotamos a comparação como um procedimento capaz de pôr em relevo as condições específicas que marcaram a criação e o incremento do ensino secundário em cada uma das duas cidades.

Investigar o processo de implantação e incremento do ensino secundário nessas duas cidades endereçou-nos à reflexão sobre a utilização do método comparado em análise regional. Targa indica que

dentro de um país, uma região só pode existir, e, portanto, ser tratada como tal, se ela se particularizar em um elenco de questões, tais como: sua economia, sua sociedade, sua cultura, sua formação histórica; em suma, uma região só existe se ela se diferenciar de outras;

a análise de uma região tratada no seu isolamento e no seu “absoluto” carece de sentido; uma análise de desenvolvimento regional só consegue explicitar as peculiaridades desse desenvolvimento desde um ponto de vista comparativo; essa comparação deve ser realizada com, pelo menos, uma outra região do país. (TARGA, 1991, p. 265)

---

5 A investigação que norteia este texto originou-se do Projeto Interinstitucional CASADINHO/PRO-CAD1, desenvolvido entre o Grupo de Estudos e Pesquisas Observatório de Cultura Escolar da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e o Grupo de História da Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, no período de 2011 a 2015, que objetivou construir análises sobre as particularidades históricas da conformação do ensino secundário no sul de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul) no século XX. O projeto foi aprovado na Chamada Pública MCTI/CNPq/MEC/CAPES – Ação Transversal n. 06/2011, coordenado pela Profa. Dra. Eurize Caldas Pessanha. Esse projeto interinstitucional estruturou-se em torno de cinco eixos, que buscaram investigar desde os suportes materiais para o estudo do ensino secundário, passando pela organização do trabalho didático nas escolas normais, organização dos arquivos escolares, utilização de fontes memorialísticas para o estudo do ensino secundário até a adoção dos estudos comparados de produções acadêmicas, como forma de desvelar a relação entre singular e universal no processo de conformação do ensino secundário no sul de Mato Grosso e em Minas Gerais.

O autor reforça, ainda, que numa perspectiva regional comparada a necessidade analítica recai sobre a identificação das diferenças, pois, a partir delas, tornar-se-ia possível perceber as

contribuições e as influências mútuas dessas histórias regionais para a construção da história do Brasil [...]. Nesse sentido, é a busca do desenvolvimento dos contrastes que pode indicar as diferenças nas trajetórias históricas dessas regiões e as desigualdades a que chegaram. (TARGA, 1991, p. 270)

Numa direção semelhante, Cardoso e Brignoli (1979, p. 417), ao discutirem algumas regras práticas para o uso do método histórico comparativo, indicam que: “ao estudar determinado processo histórico, no espaço e no tempo, seria preciso descobrir os elementos: 1) comuns a todos os casos; 2) típicos para as diferentes subclasses de casos; 3) individuais, ou seja – que não possam repetir-se”.

Os elementos comuns ao estudo apresentado integram-se ao processo geral de expansão, implementação e consolidação do ensino secundário como uma etapa da escolarização média no Brasil, que possuía um conjunto definido de objetivos e finalidades sociais (ao menos em seus marcos regulatórios, como as reformas e as legislações educativas). O objetivo metodológico central foi, então, o de localizar os vestígios dos elementos “diferentes” e “individuais” (CARDOSO; BRIGNOLI, 1979, p. 417), entendendo que tais elementos nos conduziram à identificação das práticas figuradas e das singularidades do ensino secundário em Campo Grande e Belo Horizonte.

A história comparada, numa perspectiva regional, conforme Gonçalves Neto e Carvalho, contribui na busca de novas formas de olhar e entender a história da educação no Brasil. Assim, consideramos que o contexto educacional brasileiro, por ser heterogêneo, requer um programa de estudos históricos comparados que junte

As análises local e regional buscando novos ângulos de compreensão da realidade brasileira, sem, no entanto,

perder de vista o contexto nacional, expandindo as categorias identificadas localmente, estabelecendo pontos de comparação com realidades semelhantes ou díspares e repensando o processo de formação do sistema de ensino no Brasil. (GONÇALVES NETO; CARVALHO, 2008, p. 184)

Cabe destacar, também, a proposição de Saviani (2001, p. 14) sobre a necessidade de empreender pesquisas de história comparada da educação “no interior do próprio país, através do estudo de diferentes regiões ou, para levar em conta os limites determinados pela geografia política, através do estudo dos diferentes Estados (ou províncias no caso do período do Império)”. Neste sentido, para o autor “é a partir daí que será possível distinguir entre o que é próprio da educação brasileira como um todo e aquilo que é específico de cada uma das diferentes regiões que compõem o nosso país” (SAVIANI, 2001, p. 14).

Nesta mesma direção, corroboramos o entendimento de Diana Vidal de que

Especialmente para um país de dimensões continentais como o Brasil, com políticas descentralizadas no campo educacional até pelo menos 1930, e composto por uma diversidade étnica e cultural, a comparação entre as regiões e localidades deve participar do objetivo das investigações de cunho histórico. E, talvez, seja essa, enfim, uma das principais razões da emersão do interesse pela história comparada por parte dos historiadores brasileiros da educação. A preocupação com o levantamento de acervos documentais, construção de guias de fontes e publicação de documentos; a incorporação de uma massa documental, para além da legislação, nos trabalhos do campo, frutos da interlocução com a disciplina História, [...] e o crescimento da produção historiográfica no país têm levado os pesquisadores em história da educação a perceber e questionar a precariedade das análises históricas que pretendiam estender para o Brasil entendimentos construídos particularmente pela pesquisa na região sudeste. (VIDAL, 2001, p. 39)

Assim, constituímos a abordagem do objeto deste texto partindo desse entendimento acerca da potencialidade das análises histórico-comparadas, em perspectiva regional, buscando identificar os elementos que marcaram a construção de uma determinada interpretação historiográfica acerca do ensino secundário e daqueles que a ele tinham acesso.

### *Teses e dissertações como práticas figuradas e a produção de uma história do ensino secundário*

Ao mesmo tempo que foram tomadas como objeto, em um movimento comparado, visando o estudo da implementação do ensino secundário em Belo Horizonte e Campo Grande, as produções acadêmicas foram abordadas, também, como práticas figuradas daqueles que as produziram. Para tanto, consideramos o espaço acadêmico como um território de disputas, onde se desenvolveram relações assimétricas de poder.

Nesse espaço, os indivíduos configuram-se de forma relacional (ELIAS, 1994) para constituírem-se como forças táticas ou estratégicas, na busca por ocupar posições privilegiadas de poder e de reconhecimento no contexto mais amplo do espaço acadêmico (CERTEAU, 1998). Enquanto prática figurada de seus produtores, as produções acadêmicas foram entendidas como táticas de ocupação de um espaço; em função das figurações que se constituíram no interior do espaço acadêmico, elas acabaram por determinar a produção e a apropriação de uma historiografia sobre o ensino secundário.

Para entender essas práticas figuradas, é preciso reconhecer as relações entre conhecimento e poder, ou melhor, as relações de poder presentes na produção do conhecimento, entendidas como figurações que os indivíduos desenvolvem; bem como reconhecer as diferentes táticas e estratégias adotadas como forma de participação nestas figurações.

Para Elias (2001) existem diferentes formas de poder, entre elas o conhecimento. As relações de interdependência criam diferentes níveis de poder e



exigem dos indivíduos a adoção de recursos variados e meios para elevar, ou manter, sua condição de poder. Nesse contexto, as práticas figuradas criam um intrincado conjunto de elementos que favorecem a manutenção de um equilíbrio de poder. Tal equilíbrio, contudo, se mantém em constante estado de tensão devido às pressões originadas pelas estratégias e/ou táticas que cada indivíduo exerce sobre os demais indivíduos.

A sociologia de Norbert Elias entende o conhecimento como um produto histórico ligado a características objetivas e subjetivas, originado de um conjunto de inter-relações sociais (RIBEIRO, 2010, p. 118). Nesse sentido,

É preciso, argumenta Elias, que se analise cada configuração, mais especificamente, a composição relacional de suas partes. Será a especificação do tipo de interdependência funcional que poderá aclarar o desenvolvimento do conhecimento em um dado período e em uma determinada sociedade. (RIBEIRO, 2010, p. 130)

Para a autora, a produção do conhecimento é abordada por Elias como um processo composto por vários outros processos que se entrecruzam (RIBEIRO, 2010). Assim, partindo deste argumento, não tomamos o conhecimento como sinônimo das produções acadêmicas, mas buscamos identificar como ele foi produzido ou, mais especificamente, como as práticas figuradas foram desenvolvidas para a produção desse saber.

Desta forma, abordamos as produções acadêmicas com base no conceito “operação historiográfica” (CERTEAU, 2010), para identificarmos os indícios dessas práticas figuradas na constituição de uma historiografia sobre o ensino secundário.

Como operações historiográficas, as produções acadêmicas se vinculam a um lugar social, prescindem de uma prática técnico-metodológica de seleção e abordagem das fontes e produzem um discurso sobre seus objetos de investigação. Ao analisarmos as formas como as teses e dissertações articularam es-

ses três aspectos, encontramos indícios que nos permitiram identificar alguns elementos das práticas figuradas por elas desenvolvidas.

### *A caracterização de “elite” nas produções acadêmicas analisadas*

Para a realização da pesquisa que deu origem ao estudo aqui apresentado, foram analisadas 13 produções acadêmicas, sendo dez dissertações e três teses, produzidas entre 2004 e 2015, conforme o seguinte quadro.

Quadro 1 – Produções acadêmicas analisadas.

Autor(a)	Título	Instituição	Nível	Ano
Adriana Alves de Lima Rocha	Por uma história do currículo no/do Colégio Maria Constança na década de 1960: cultura docente, práticas e materiais curriculares	UFMS	Dissertação	2007
Aleluia Heringer Lisboa Teixeira	“Uma escola sem muros”: Colégio Estadual de Minas Gerais (1956-1964)	UFMG	Tese	2011
Fernando Vendrame Menezes	Indícios das práticas curriculares na disciplina história em uma escola exemplar de Campo Grande entre 1942 e 1970	UFMS	Dissertação	2012
Gabriela Vilella Arantes	Educação Física entra em cena: olhares sobre o Colégio Estadual de Minas Gerais (1956-1973)	UFMG	Dissertação	2013
Horácio dos Santos Braga	O ensino de latim na escola Maria Constança Barros Machado como reflexo da história da disciplina no Brasil (1939-1971)	UFMS	Dissertação	2005
Ilton de Oliveira Chaves Júnior	Provocar, auxiliar e fiscalizar: o lugar do Estado na produção do ensino secundário em Belo Horizonte (1898-1931)	UFMG	Dissertação	2010
Marta Banducci Rahe	A disciplina língua inglesa e o “sotaque norte-americano”: uma investigação das práticas docentes no Maria Constança (1955-2005)	UFMS	Dissertação	2006
Marta Banducci Rahe	Invocações incorporadas ou “modernidades abandonadas”? Uma investigação dos materiais didáticos para as aulas de línguas vivas em dois ginásios de Campo Grande, sul do estado de Mato Grosso (1931-1961)	UFMS	Tese	2015

Autor(a)	Título	Instituição	Nível	Ano
Nathércia Micheletti Viana	Juventude, cidade e educação: a experiência do Ginásio Mineiro em Belo Horizonte (1898-1914)	UFMG	Dissertação	2004
Paulo Henrique Azuaga Braga	A disciplina Educação Física no Maria Constança: expressões da cultura escolar no período de 1954-1964	UFMS	Dissertação	2006
Rosana Sant'Ana de Morais	A história da disciplina língua espanhola expressa nas leis e na cultura escolar do colégio "Maria Constança" em Campo Grande - MT (1953-1961)	UFMS	Dissertação	2007
Stella Sanches de Oliveira	A história da disciplina escolar francês no Colégio Estadual Campo-Grandense (1942-1962)	UFMS	Dissertação	2009
Stella Sanches de Oliveira	Implementação e organização do curso ginásial no sul de Mato Grosso: expressões de um projeto de modernização (1917-1942)	UFMS	Tese	2014

Fonte: Vendrame Menezes (2021).

No conjunto destas produções acadêmicas, destaca-se que a maioria delas (oito no total) investigou objetos relacionados à história das disciplinas escolares, articulando-a com a perspectiva da cultura escolar e com elementos de uma história do currículo. Entre as disciplinas escolares que foram estudadas estão as línguas inglesa (RAHE, 2005; 2015), francesa (OLIVEIRA, 2009), espanhola (OLIVEIRA, 2009) e o latim (BRAGA, 2005), além da Educação Física (ARANTES, 2013; BRAGA, 2006) e da História (VENDRAME MENEZES, 2012). Em linhas gerais, essas produções buscaram identificar o funcionamento dessas disciplinas escolares, tendo como lócus as respectivas instituições escolares, empregando, para tanto, a análise das práticas docentes, dos materiais didáticos utilizados por professores e alunos, das regulamentações legais e das prescrições curriculares, bem como articulando a função social dessas disciplinas, como fatores externos das duas escolas.

Outros objetos de investigação estão relacionados à história das instituições escolares (VIANA, 2004), à história do currículo (ROCHA, 2007) e às políticas públicas voltadas para o ensino secundário empreendidas pelos governos de Mato Grosso e Minas Gerais (CHAVES JÚNIOR, 2010; OLIVEIRA, 2014). Nestas produções, foram investigados o papel desempenhado pelas duas instituições

escolares<sup>6</sup> na formação das sociedades campo-grandense e belo-horizontina (ROCHA, 2007; TEIXEIRA, 2011; VIANA, 2004) e a atuação política dos dois estados e/ou de grupos sociais ligados à administração estatal na conformação de discursos em defesa do ensino secundário e da forma como ele foi efetivamente implementado (CHAVES JÚNIOR, 2010; OLIVEIRA, 2014).

O escopo teórico referenciado por estas teses e dissertações compreende autores identificados com o campo da história da educação, sendo André Chervel o autor adotado pela maioria delas como aporte conceitual, seguido por Ivor Goodson, Dominique Julia e Antonio Viñao Frago. É possível também identificar que as produções acadêmicas analisadas buscaram bases teóricas em autores do campo da história, como Carlo Ginzburg, Michel de Certeau, Circe Bittencourt e Roger Chartier, e da sociologia, como Pierre Bourdieu e Norbert Elias. A aproximação aos dois campos deve-se à busca, por parte destas produções acadêmicas, de articular aos seus objetos de estudo aspectos da cultura e das relações sociais em interseção com os elementos da educação e, mais especificamente, do ensino secundário.

Para os propósitos deste texto, não nos debruçamos, especificamente, sobre os objetos de cada produção acadêmica, seus objetivos, procedimentos metodológicos, aporte teórico-conceitual ou resultados. Assim, neste conjunto documental, buscamos os indícios de uma história comparada regional, por meio da caracterização do ensino secundário e das representações sobre a constituição das elites locais. Essas representações expressaram-se no interior das produções acadêmicas, dando forma às práticas figuradas, que conformaram a produção de uma determinada historiografia sobre o ensino secundário.

Desta forma, do total das produções acadêmicas estudadas, ao analisarmos como abordaram a questão da “elite”, duas trouxeram, em nota de rodapé, uma delimitação do entendimento que adotavam:

---

6 As duas instituições são o Ginásio Mineiro e o Ginásio Campo-Grandense. O primeiro instalou-se juntamente com a construção e inauguração de Belo Horizonte, em 1897. O segundo foi fundado em 1939, em Campo Grande, sul de Mato Grosso (atual Mato Grosso do Sul). Ambas foram as primeiras instituições de ensino secundário público das respectivas cidades, tendo seus prédios próprios projetados por Oscar Niemayer e inaugurados em meados da década de 1950; inseriram-se na representação das sociedades locais como referência em qualidade de ensino.

Neste trabalho o termo “elite” é utilizado com a ideia de designar grupos que se consideravam e eram considerados como privilegiados, exatamente por constituírem uma parcela muito pequena da população que recebia serviços públicos também diferenciados, tal como o ensino secundário que era “para poucos”. (RAHE, 2015, p. 83)

O termo “elite” está sendo usado nesta dissertação para designar um grupo mais favorecido tanto econômica quanto culturalmente, a quem era dirigida a política do ensino secundário. [...] Na documentação estudada, é recorrente a referência a uma elite administrativa, dirigente, que deveria ser forjada nos bancos dos colégios e ginásios. (CHAVES JUNIOR, 2010, p. 10)

Para o conjunto das demais produções acadêmicas, foi necessário localizar os elementos que permitiram identificar de que forma trataram a questão da “elite”. A localização dos vestígios desses elementos, entremeada às análises que os autores construíram de seus objetos, das citações, dos referenciais teóricos e das fontes que indicavam em seus estudos, trouxe indícios acerca de como o termo “elite” foi tratado no interior das dissertações e teses.

As produções que analisaram as disciplinas escolares ligadas ao ensino de uma determinada língua (latim, espanhol, francês ou inglês) partiram do entendimento de que a inclusão, ou permanência, dessas disciplinas escolares nos programas curriculares do ensino secundário estavam relacionadas à formação de uma elite pensante, dominante (BRAGA, 2005; MORAIS, 2007; OLIVEIRA, 2009; RAHE, 2015).

Estas produções adotaram como referencial, para esta conceituação, a citação de Chervel e Compère (1999), transpondo as análises que fizeram do ensino secundário francês para o ensino secundário brasileiro, em que a instrução de uma língua estava destinada à constituição de um espírito ilustrado e culto em membros das elites francesas. Dessa forma, estas produções construíram uma unidade dis-

cursiva que justificava, no interior de seus objetos, a necessidade da inclusão ou permanência da disciplina escolar no currículo do ensino secundário.

Outra unidade discursiva apreendida, no caso das produções sobre o ensino secundário em Campo Grande, delineava-se pela referência das produções acadêmicas à pesquisa *Tempo de cidade, lugar de escola*: um estudo comparativo sobre a cultura escolar de instituições escolares exemplares constituídas no processo de urbanização e modernização das cidades brasileiras (1880-1970)<sup>7</sup>.

As produções acadêmicas analisadas sobre o ensino secundário em Campo Grande apropriaram-se dos resultados da pesquisa *Tempo de cidade, lugar de escola* como um indicativo, partindo do princípio de que o Maria Constança era voltado à formação da elite local.

Rocha (2007, p. 13-14; 80-81) informa que seu estudo escolheu a escola por ser lócus de investigação desse projeto de pesquisa, que inventariou os documentos por ela produzidos como fonte. A autora aponta que o corpo docente era estável e qualificado, e a cultura docente construiu relações sociais que conferiram reconhecimento e visibilidade à escola:

O colégio Maria Constança construiu a história do seu currículo a partir de suas particularidades, buscava o destaque na sociedade, bem como afirmar sua identidade e seu valor social, divulgando seu trabalho por meio dos próprios alunos e dos professores, isto é, da visibilidade que eles tinham tanto nas comemorações como nas participações em concursos e palestras e eventos sociais. (ROCHA, 2007, p. 84)

A dissertação de Vendrame Menezes (2012, p. 59) refere-se à mesma pesquisa, ao indicar que o colégio Maria Constança se constituiu como uma escola

<sup>7</sup> A pesquisa desvela as possíveis relações existentes entre o processo de urbanização de determinadas cidades brasileiras entre 1880 e 1970 e a história de instituições escolares dessas cidades, que, concomitante ao seu desenvolvimento, se consolidaram como modelos e referências de qualidade do ensino oferecido, constituindo a hipótese de que eram “escolas exemplares”, pois se inseriam na identidade cultural de determinados grupos sociais que, em certos momentos históricos, eram considerados como “elite” nessas cidades.

exemplar ligada à identidade das elites locais. O autor cita, ainda, que, “em linhas gerais, a atuação dos professores de História do colégio Maria Constança está em sintonia com a descrição geral feita sobre os professores pela pesquisa *Tempo de cidade, lugar de escola*” (VENDRAME MENEZES, 2012, p. 63):

Considerando que o colégio Maria Constança era uma instituição escolar exemplar, símbolo de excelência de ensino e inserido no contexto social de grupos que se consideravam elite na cidade, a História ali ensinada, por meio da visão historiográfica dos professores, da adoção de livros didáticos que legitimavam um conhecimento oficializado pelas normas legais, da interação do colégio com os comandantes da 9ª Região Militar, que determinavam conteúdos a serem trabalhados, e da participação em concursos culturais e literários por ele promovidos são indícios de que as práticas curriculares nesta disciplina, entre os anos de 1942 e 1970, foram constituídas no sentido de se reforçar as marcas da exemplaridade desta instituição na sociedade local. (VENDRAME MENEZES, 2012, p. 93)

Braga (2005) e Moraes (2007) citaram em suas dissertações de mestrado a mesma pesquisa. O primeiro destacou o projeto arquitetônico do prédio do colégio, inaugurado em 1954, concebido por Oscar Niemayer (BRAGA, 2005, p. 57), e a segunda salientou que o colégio Maria Constança tornou-se uma referência para a cidade, em virtude da visibilidade do seu prédio, da seletividade dos exames de admissão e da qualidade do seu corpo docente, concluindo que aquela foi uma “escola exemplar” (BRAGA, 2005, p. 78).

Rahe (2006; 2015) relata, em sua dissertação, que os exames de admissão alteraram a cultura escolar da cidade, pois a seletividade do processo fez com que ela se tornasse uma referência de ensino (RAHE, 2006, p. 15). Em sua tese, já partindo dos resultados da pesquisa *Tempo de cidade, lugar de escola*, destaca o papel do prédio escolar na visibilidade social da instituição escolar:

a presença dessa instituição em Campo Grande tornou-se mais marcante com sua mudança, em 1954, para sua sede própria, um prédio projetado por Oscar Niemeyer,

cujas características modernas distinguia-o ainda mais das outras instituições secundárias da cidade. (RAHE, 2015, p. 21)

Em se tratando dos resultados dessa pesquisa, Oliveira (2009, p. 62) aponta os subsídios “para relacionar a história da escola com a história da cidade”, considerando-a como uma “escola exemplar”. A autora corrobora alguns dos resultados da pesquisa, ao utilizar o primeiro capítulo de sua dissertação para tratar da exemplaridade da instituição, ao afirmar que:

O que se pode deprender dos resultados da pesquisa Tempo de Cidade, Lugar de Escola, é que houve, em termos sociais, um interesse por parte de certas famílias campo-grandenses, nem tão superiores economicamente de conceder a seus filhos instrução e cultura. Naquele momento histórico, as décadas de 40 e 50 do século XX, era o ensino secundário, pela oferta de cultura geral desinteressada, que poderia realizar tal aspiração. (OLIVEIRA, 2009, p. 64)

As produções acadêmicas sobre o ensino secundário em Belo Horizonte indicam que o Ginásio Mineiro se destinou à formação da elite da cidade. Constatação essa explícita, ou implícita, nos estudos de Arantes (2013), Teixeira (2011), Viana (2004) e Chaves Junior (2010), mas que não foi construída pelos autores como uma unidade discursiva em torno de algum referencial específico para identificar o termo “elite”.

Cada um deles percorreu um caminho distinto para definir, no interior de seus objetos, quem consideravam como grupos sociais ou sujeitos de elite. Nesta direção, Chaves Junior (2010, p. 179), ao analisar o papel do estado de Minas Gerais no incremento do ensino secundário em Belo Horizonte, afirma que:

Defendia-se uma proposta de instrução secundária para aqueles que conduziram os rumos do país em posições administrativas ou como profissionais liberais, postura identificada com a proposta de uma educação para as elites, que, no entanto, não era unânime.



Para o autor, no caso de Belo Horizonte, a elite formava-se por um grupo social (ou grupos sociais) ligado de forma direta ou indireta à administração da cidade e do estado, sendo assim uma elite burocrática, composta nos quadros políticos que dirigiam a sociedade local. Já Viana (2004) refere-se à elite, ancorada no historiador José Murilo de Carvalho, discutindo a atuação de uma “elite política” que, em virtude da similaridade em seus processos de formação superior, possuía certa homogeneidade cultural, buscando, em função disto, estabelecer um processo de hegemonia, por meio da dicotomia entre possibilitar uma alta formação intelectual aos membros deste grupo social e ofertar uma educação escolar elementar às camadas populares. Contudo, a autora não chegou a especificar seu entendimento de elite, nem a identificar quem seriam os membros dessa “elite política”, no caso da cidade Belo Horizonte.

Arantes (2013), citando Nunes (2000), refere-se ao ensino secundário como destinado à formação das elites condutoras, contudo, sem trazer em seu texto uma delimitação sobre quais seriam as características dessa elite, nem quem seriam seus membros. Ao falar sobre o Ginásio Mineiro, adotou como referência o estudo de Teixeira (2011) para afirmar que: “os exames de admissão foram responsáveis por selecionar uma elite habilitada para pertencer àquele lugar. Era necessária uma boa formação primária e, às vezes, frequentar cursos preparatórios para ser aprovado nesse exame” (ARANTES, 2013, p. 17).

Com base nesse excerto foi possível inferir que, na concepção da autora, pertencer à elite pressupunha possuir poder aquisitivo para arcar com os custos de uma boa formação primária, dos cursos preparatórios e dos exames preparatórios. Desta forma, implicitamente, a condição de pertencer à elite estava associada ao poder econômico.

A par das análises destes autores sobre o ensino secundário em Belo Horizonte, encontramos uma delimitação mais ou menos comum a eles sobre o que, ou a quem, consideravam como elite no interior de seus trabalhos, identificando-a como um grupo social minoritário, detentor de poder econômico, com relações estreitas na esfera da política e da administração pública.

Estas produções adotaram o termo “elite” de modo genérico, associado a um pequeno grupo social detentor de privilégios, tais como alta capacidade econômica, relações políticas que convergiam para benefícios de serviços públicos e acesso a níveis elevados de escolarização. Ao mesmo tempo, a caracterização estava estabelecida por meio da apropriação de algum outro referencial teórico já proposto e consolidado sobre a temática, com a tendência de validar, com base nesse referencial, os apontamentos feitos pelos autores das produções acadêmicas analisadas.

Diante disso, identificar quem eram os sujeitos que se configuravam como elite para os autores destas produções acadêmicas, nas cidades de Belo Horizonte e Campo Grande, tornou-se uma tarefa necessária.

O Maria Constança, ao identificar-se com a elite da cidade legitimou, naquele espaço, modelos e práticas que atendiam aos projetos desta classe. Todavia, é importante considerar que os alunos que são hoje representantes da elite campo-grandense, citados pelos professores como médicos, políticos, advogados, nem todos faziam parte da elite quando estudaram nessa escola [...]. (RAHE, 2006, p. 36)

Oliveira (2009, p. 46) indica que, nas cidades do sul de Mato Grosso, desenvolveram-se “novas frações da elite, não mais ligadas às oligarquias tradicionais, mas ao comércio e à pecuária”. Ao referir-se à constituição das bancas para um concurso de professores, ocorrido em 1960, indicou que participaram, além de membros do colégio, “um padre, um major, um capitão e um tenente” (OLIVEIRA, 2009, p. 124). Para a autora, a presença desses sujeitos “reforça o sentido do papel social que o ensino secundário tinha na formação das elites dirigentes, assim como do envolvimento da sociedade na condução do ensino”, uma vez que aquelas patentes representavam “um dos grupos sociais que formavam a elite da cidade” (OLIVEIRA, 2009, p. 124).

Essa mesma autora registra que, a partir de fins do século XIX, constituíram-se no sul de Mato Grosso (incluindo Campo Grande) “novas elites econômicas

ligadas à pecuária” (OLIVEIRA, 2014, p.72). Ao que parece, a elite em Campo Grande era composta por profissionais liberais, comerciantes, militares e pecuaristas, grupos que congregavam a maior parte dos sujeitos com acesso ao ensino secundário no colégio Maria Constança. Assim, o critério implícito adotado pelas produções de Rahe (2006) e Oliveira (2009; 2014), para definição de quem pertencia à elite, estava ligado ao aspecto econômico, associado ao desempenho de uma atividade profissional específica.

Para a cidade de Belo Horizonte, apenas uma produção acadêmica estabeleceu uma definição específica dos sujeitos que compunham a elite da cidade. Teixeira (2011), baseando-se em Mello e Novais (1988), construiu uma categorização que agrupa os sujeitos por profissão, estabelecendo quatro grupos que iam da base ao topo da sociedade. Para a autora, os dois grupos mais altos da sociedade (classe média e topo da sociedade), constituídos por profissionais liberais, comerciantes, industriais e fazendeiros, estavam entre aqueles que, de forma majoritária, tinham acesso ao ensino secundário.

Contudo, a autora trabalhou com a ideia da constituição de uma elite escolar, agregando ao critério econômico as análises sociológicas de Pierre Bourdieu sobre distinção cultural. Os elementos constitutivos dessa elite cultural estavam associados ao grupo escolar que frequentou, a possibilidade de fazer ou não um bom curso preparatório, a origem social do aluno e o capital cultural herdado da família. Assim, identifica uma relação entre o capital econômico e o capital cultural como componentes da elite escolar que constituía os sujeitos do Ginásio Mineiro (TEIXEIRA, 2011, p. 91).

Estas informações permitiram constituir um quadro comum de quem as produções acadêmicas de Campo Grande e Belo Horizonte identificaram como sujeitos pertencentes à elite: profissionais liberais, fazendeiros e comerciantes, que participavam ou eram beneficiados pelas ações do poder estatal. Neste sentido, o critério adotado pelos autores, mesmo que implicitamente, foi o econômico.

Ao realizar um estudo estatístico sobre o perfil dos alunos que frequentavam o Ginásio Mineiro, e, portanto, constituíam a elite escolar entre os anos de 1956 e 1964, Teixeira (2011, p. 190) indicou que a maioria dos alunos “eram homens, brancos e de uma origem social considerada média e alta”.

Não foi possível localizar dados muito precisos sobre o perfil dos alunos nas produções acadêmicas sobre o ensino secundário em Campo Grande. Contudo, Oliveira (2009), baseada em estudo de Pessanha *et al.* (2007), indicou que, a partir de 1954, o número de alunos matriculados no Colégio Maria Constança manteve-se estável, com uma média de 530 alunos, com predominância feminina. Assim, percebe-se que, embora o conjunto das produções acadêmicas apresente o entendimento de elite de forma similar, alguns dados trazidos por elas indicam que os sujeitos que acessavam as duas instituições de ensino secundário possuíam características distintas, ao menos no que se refere à distribuição quantitativa por gênero.

Esta constatação conduziu ao questionamento da relação que os grupos sociais identificados pelas dissertações e teses como elite destas duas cidades estabeleciam com seus processos de escolarização secundária. Se o perfil que as produções acadêmicas traçaram para a elite das duas cidades era similar, por que os públicos identificados como sujeitos do ensino secundário eram diferentes, ao menos no que diz respeito à distribuição quantitativa por gênero? Responder a esta indagação não foi possível, considerando que das produções acadêmicas não se podia esperar tais respostas, pois esta questão não estava presente no interior dos objetos pesquisados.

### *Algumas notas finais*

Na constituição de um discurso sobre o ensino secundário, as produções acadêmicas adotaram como tática a incorporação das interpretações de uma historiografia já consolidada sobre esta temática, referenciando-a por meio

de citações e/ou referências que remetem a outros autores ou a projetos de pesquisas já realizados. Desta forma, partiram de um entendimento do ensino secundário já cristalizado e por elas pouco problematizado.

Com a análise das produções acadêmicas, por meio da identificação dos elementos constitutivos de uma operação historiográfica, pudemos analisar um conjunto de indícios que permitiram entendê-las como práticas figuradas, pois seus produtores incorporam como tática, em suas figurações, um sentido interpretativo para o ensino secundário. Dessa forma, a produção de um discurso estava condicionado pela incorporação de uma historiografia já consolidada, o que delimitamos como tática pela busca de ocupação de um lugar social, ao qual ainda buscavam pertencer, e pela adoção de um corpus documental circunscrito e delimitado por este espaço social.

A configuração dos sujeitos que tinham acesso ao ensino secundário foi analisada buscando-se identificar como as produções acadêmicas caracterizaram em seus textos o termo “elite”. De forma ampla, as produções indicaram que os grupos considerados como parte da elite nas duas cidades eram ligados ao desempenho de profissões urbanas (médicos, advogados, comerciantes), à propriedade da terra e ao uso ou benefício de bens e serviços públicos. Com esse procedimento, foi possível notar que as teses e dissertações analisadas adotaram uma caracterização pouco explícita para identificar o seu entendimento de elite, pois estas partiam do entendimento, já estabelecido na historiografia tradicional, de que o ensino secundário era destinado à formação de uma elite.

A análise comparada das produções acadêmicas revelou que, no desenvolvimento dessas práticas figuradas, como forma de participação ou busca de inserção no espaço acadêmico, produziu-se uma historiografia alinhada a um discurso já corrente nas interpretações do ensino secundário.

Dizer isso não significa questionar ou desqualificar os resultados alcançados pelas respectivas produções acadêmicas, mesmo porque nosso objetivo

não foi o de verificar a validade de seus resultados, pois entendemos que a necessária vigilância epistemológica, aliada aos procedimentos de pesquisa, dão conta de que os objetivos definidos por todas as produções acadêmicas foram atingidos. O que nos interessou foi indicar que o desenvolvimento das práticas figuradas, no interior do espaço social da produção do conhecimento acadêmico, matizou uma historiografia sobre o ensino secundário justamente como tática dos seus produtores na disputa relacional por inserção neste espaço.

### Referências

ARANTES, Gabriela Vilella. *Educação Física entra em cena: olhares sobre o Colégio Estadual de Minas Gerais (1956-1973)*. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

BRAGA, Horácio dos Santos. *O ensino de latim na escola Maria Constança Barros Machado como reflexo da história da disciplina no Brasil (1939-1971)*. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2005.

BRAGA, Paulo Henrique Azuaga. *A disciplina Educação Física no Maria Constança: expressões da cultura escolar no período de 1954-1964*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2006.

BRASIL. Decreto n. 19.890, de 18/04/1931b. Dispõe sobre a organização do ensino secundário. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/>. Acesso em: 13 fev. 2013.

BRASIL. Decreto-Lei n. 4.244, de 09/04/1942. Lei Orgânica do Ensino Secundário. Disponível em: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes\\_escritas/](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/fontes_escritas/). Acesso em: 20 abr. 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Hector Pérez. O método comparativo na História. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Hector Pérez. *Os mé-*

*todos da História*. Tradução: José Maia. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1979. p. 409-420.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 56-108.

CHAVES JÚNIOR, Ilton de Oliveira. *Provocar, auxiliar e fiscalizar: o lugar do Estado na produção do ensino secundário em Belo Horizonte (1898-1931)*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

CHERVEL, André; COMPÈRE, Marie-Madeleine. As humanidades no ensino. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 149-170, jul./dez. 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27826/29598>. Acesso em: 15 mar. 2017.

ELIAS, Norbert. *A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GONÇALVES NETO, Wenceslau; CARVALHO, Carlos Henrique de. Tendências e perspectivas em história comparada no campo da educação. *Cadernos de História da Educação*, Uberlândia, n. 4, p. 183-190, jan./dez. 2005. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/che/article/view/395/376>. Acesso em: 23 abr. 2017.

MELLO, João Manuel Cardoso de; NOVAIS, Fernando. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 559-658.

MORAIS, Rosana Sant'Ana de. *A história da disciplina língua espanhola expressa nas leis e na cultura escolar do Colégio “Maria Constança” em Campo Grande - MT (1953-1961)*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2007.

NUNES, Clarice. O “velho” e “bom” ensino secundário: momentos decisivos. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 14, p. 35-59, maio-ago. 2000. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=27501404>. Acesso em: 10 nov. 2010.

OLIVEIRA, Stella Sanches de. *A história da disciplina escolar francês no Colégio Estadual Campo-grandense (1942-1962)*. 2009. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2009.

OLIVEIRA, Stella Sanches de. *Implantação e organização do curso ginasial no sul de Mato Grosso: expressões de um projeto de modernização (1917-1942)*. 2014. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2014.

PESSANHA, Eurize Caldas *et al.* *Tempo de cidade, lugar de escola: um estudo comparativo sobre a cultura escolar de instituições escolares exemplares constituídas no processo de urbanização e modernização das cidades brasileiras (1880-1970)*. Campo Grande: Relatório final de projeto de pesquisa financiado pelo CNPq (Processo: 481397/2004-3), out. 2007.

RAHE, Marta Banducci. *A disciplina língua inglesa e o “sotaque norte-americano”: uma investigação das práticas docentes no Maria Constança (1955-2005)*. 2006. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2006.

RAHE, Marta Banducci. *Invocações incorporadas ou “modernidades abandonadas”? Uma investigação dos materiais didáticos para as aulas de línguas vivas em dois ginásios de Campo Grande, sul do estado de Mato Grosso (1931-1961)*. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2015.

RIBEIRO, Luci Silva. *Processo e figuração: um estudo sobre a sociologia de Norbert Elias*. 2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.



ROCHA, Adriana Alves de Lima. *Por uma história do currículo no/do colégio Maria Constança na década de 1960: cultura docente, práticas e materiais curriculares*. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2007.

SAVIANI, Dermeval. História comparada da educação: algumas aproximações. *Revista História da Educação*, Pelotas, v. 5, n. 10, p. 5-16, jul./dez. 2001. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4053145>. Acesso 09 set. 2014.

TARGA, Luiz Roberto Pecoits. Comentário sobre a utilização do método comparativo em análise regional. *Ensaio FEE*, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 265-271, 1991. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br/index.php/ensaios/article/view/1424/1788>. Acesso em: 02 ago. 2014.

TEIXEIRA, Aleluia Heringer Lisboa. *“Uma escola sem muros” Colégio Estadual de Minas Gerais (1956-1964)*. 2011. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

VENDRAME MENEZES, Fernando. *Indícios das práticas curriculares na disciplina. História em uma escola exemplar de Campo Grande entre 1942 e 1970*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

VIANA, Nathércia Micheletti. *Juventude, cidade e educação: a experiência do Ginásio Mineiro em Belo Horizonte (1898-1914)*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

VIDAL, Diana Gonçalves. História da educação comparada: reflexões iniciais e relato de uma experiência. *História da Educação*, Pelotas, v. 5, n. 10, p. 31-41, jul./dez. 2001. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4053145>. Acesso em: 09 set. 2014.

Recebido em: 14 de dezembro de 2020

Aprovado em: 24 de junho de 2021